



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO  
COORDENAÇÃO INSTITUCIONAL DE PROGRAMAS ESPECIAIS  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA A DISTÂNCIA**

**JOSÉ DE ARIMATÉA SOARES DOS SANTOS**

**A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO DA GEOGRAFIA**

**CAMPINA GRANDE  
2015**

**JOSÉ DE ARIMATÉA SOARES DOS SANTOS**

**A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO DA GEOGRAFIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Geografia na modalidade a Distância (Prolicenciatura) da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia, em cumprimento às exigências legais.

Orientador: Prof. Daniel Campos Martins

CAMPINA GRANDE  
2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237f Santos, José de Arimatéa Soares dos  
A fotografia como ferramenta de ensino da Geografia  
[manuscrito] / José de Arimatéa Soares dos Santos. - 2015.  
35 p. : il. color.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia  
EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino  
Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.  
"Orientação: Prof. Esp. Daniel Campos Martins, Secretaria de  
Educação à Distância".

1. Ensino da Geografia. 2. Recursos didáticos. 3. Fotografia.  
I. Título.

21. ed. CDD 371.3

JOSÉ DE ARIMATÉA SOARES DOS SANTOS

A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO DA GEOGRAFIA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Geografia, pela Universidade Estadual da Paraíba.

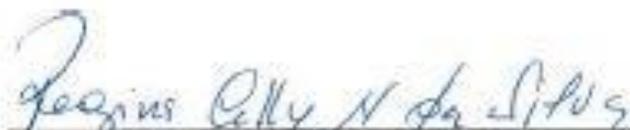
APROVADO EM: 29/10/2014

Nota: \_\_\_\_\_ (\_\_\_\_\_)

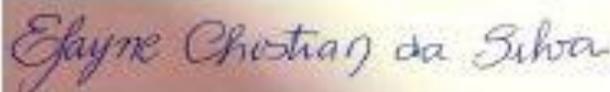
BANCA EXAMINADORA



Prof. Daniel Campos Martins  
Orientador



Prof. Regina Celly Nogueira  
Examinadora



Prof. Elayne Chistian  
Examinadora

## LISTA DE FIGURAS

Figura 01 -	01: Jan Van Eyck, Madona com o Chanceler Rolin, 1433.....	17
Figura 02 -	À esquerda pintura de Patinir (s/d), e à direita de Albrecht Dürer, 1495..	18
Figura 03 -	À esquerda pintura de Johannes Vermeer, 1659-60 e à direita de Jan van Goyen, 1650.....	20

## SUMÁRIO

RESUMO .....	7
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2 EMBASAMENTO TEÓRICO.....</b>	<b>10</b>
2.1 A Importância da Geografia.....	10
2.2 A Paisagem e Sua Percepção.....	13
2.3 A Fotografia Como Recurso Didático e Leitura da Paisagem no Ensino da Geografia.....	20
2.4 A Fotografia na Leitura de Espaço Geográfico no Tempo.....	25
<b>3 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA.....</b>	<b>26</b>
3.1 História.....	28
3.2 Geografia.....	29
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
ABSTRACT.....	33
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

# **A FOTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE ENSINO DA GEOGRAFIA**

**José de Arimatéa Soares dos Santos  
UEPB – Universidade Estadual da Paraíba  
SEAD – Secretaria de Educação a Distância  
Polo de EaD/UEPB de Campina Grande-PB  
Curso de Licenciatura em Geografia  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
Orientação – Prof. Esp. Daniel Campos**

## **RESUMO**

O presente estudo é uma breve compilação de dados sobre o Ensino da Geografia e seus recursos didáticos, não segue exatamente uma linearidade discursiva. Caracteriza-se por uma exposição de fatos e histórias que compõem uma real situação atual de necessidades metodológicas para o ensino aprendizagem da disciplina citada. Tendo como objeto sugerido a fotografia com breve análise de seus componentes e capacidade de valoração na ação de ensinar e de fazer participar o aluno. Assim, destacam-se as mudanças nas concepções de cultura como elementos que propiciam esse movimento. Aborda-se a capacidade humana de realizar inúmeras atividades e ações que possuem várias dimensões pedagógicas, ressaltando a importância da Geografia ser auxiliada pela arte de fotografar, acreditando indicar diversas maneiras pelas quais podem se desenvolver o olhar e conduzir o aluno ao desbravamento do mundo externo à sala de aula. O método da fotografia introduz ao aluno uma vivência mais próxima da realidade dos fatos históricos e teorias discutidas. Entende-se que nessa atividade vários aspectos são abordados sendo destacados um processo de percepção onde a cena é definida em função de um ponto de vista onde é observada e outro, que diz respeito a um aspecto cognitivo, pelo qual os indivíduos a partir de seus interesses e necessidades, estruturam e organizam sua interface com o real e o mundo, intensificando e ampliando toda a possibilidade de prazer pelo aprender e apreender dados importantes para vida integrantes no estudo da Geografia. Tem como objetivo ressaltar o valor do uso fotográfico como recurso no ensino da disciplina de Geografia. Utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica e análise da experiência vivenciada do autor.

Palavras-chave: Ensino da Geografia; Recursos Didáticos; Fotografia.

# 1 INTRODUÇÃO

O estudo ora apresentado pretende ser um piloto de ideia para indicar uma adaptação considerada ideal para atualizar a didática de ensino da disciplina de Geografia. Sabe-se que durante a sua existência, o homem realiza inúmeras atividades e ações que possuem, se assim se pode pensar, uma dimensão pedagógica. A Geografia, auxiliada pela arte de fotografar pode indicar, de que maneira pode-se olhar a paisagem e levar o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula.

Em uma primeira observação a utilização do registro fotográfico pode ser um instrumento de exclusão exigindo do professor (de Geografia) saber direcionar e explorar essas diferentes facetas. É útil por possibilitar uma programação prévia, facilitando ou dificultando sua interpretação e, considerada excludente, uma vez que seleciona locais específicos dentro de um espaço, definindo ângulos e visões particulares do fotógrafo, deixando os demais participantes do estudo de fora do entendimento.

Faz-se necessário perceber que a fotografia é bem mais do que uma lembrança de locais por onde se anda, mas sim uma fonte ilimitada de dados, fatos e informações, transformando-se assim, em um poderoso instrumento de "materialização" de lugares nunca antes visitados por alguns e alcançados através dos olhos nos registros realizados.

É importante entender que a linguagem visual é responsável por maior parte do entendimento do indivíduo no seu desenvolvimento da aprendizagem, por exemplo, não é possível falar de geleiras ou montanhas, sem que o aluno nunca tenha visto uma. Um simples desenho no quadro muitas vezes não é suficiente para seu entendimento completo, assim também como saber diferenciar um anticlinal de um sinclinal sem que o aluno saia do abstrato e possa visualizá-los? Parece ser uma tarefa muito difícil uma vez que, em uma classe depara-se com alunos visuais, auditivos, sinestésicos ou o conjunto desses estilos de aprendizagem.

O professor sabendo explorar corretamente tal recurso, terá nas mãos um poderoso instrumento que, substitui a impossibilidade de ir ao lugar apresentado, fato que muitas vezes ocorre até mesmo dentro da própria cidade onde se mora, e assim eternizá-los com apenas um clique, captando aquele instante; aquela realidade.

Entendendo esse sistema como processo pedagógico, é possível a orientação às proporções de sua expressão ampla e potencial, lançando sugestões de inúmeras atividades possíveis de desenvolvimento entre os educandos, elevando, portanto, o conhecimento e prazer do estudo da Geografia.

O presente estudo é de breve conteúdo, pois pretende ser um ponto de inspiração no sentido de incentivar a sugestão à evolução de sua aplicabilidade, destacando de modo geral na atividade de fotografar, os vários aspectos, como o de percepção o onde a cena é definida em função do um ponto de vista de onde é observada, ou seja, do ponto de vista do fotógrafo e outro, que diz respeito a um aspecto cognitivo, sendo esse um processo mental pelo qual os indivíduos (o aluno) a partir de seus interesses e necessidades, estruturam e organizam sua interface com o real e o mundo.

Para tanto o objetivo do presente estudo diz respeito a ressaltar o uso da fotografia como recurso didático para o ensino da Geografia. Entendendo que o método é a força vital do ensino aprendizagem. Neste fim utilizou-se da metodologia descritiva através da pesquisa bibliográfica e conhecimentos adquiridos na experiência em sala de aula.

## **2 EMBASAMENTO TEÓRICO**

### **2.1 A Importância da Geografia**

Entre as ciências, a Geografia é uma ciência que tem como objeto principal de estudo o espaço geográfico que corresponde ao palco das realizações humanas. Neste palco o homem aparece em cenários que mudam em todo o tempo e este sujeito movido pela curiosidade se move de um espaço a outro desenvolvendo-se em meio as relações humanas tendo como parceria a natureza em formas, cores e sons e tons em um aglomerado harmonizado que se configura com o conhecimento da terra desde Pitágoras e Aristóteles que já tinham convicção acerca da forma esférica do planeta.

Pena (s/d) diz que o estudo da Geografia em sua fase inicial focaliza somente os elementos naturais, mais tarde, pesquisas unindo aspectos físicos com sociais foram estabelecidas, referentes à ação antrópica sobre o espaço natural. Apesar de a Geografia já ter sido praticada desde os tempos antigos, foi no século XIX que ela se consolidou enquanto ciência moderna, isto é, com o seu próprio objeto de estudo e o seu método científico bem definido.

Alexander Von Humboldt (1779-1859) e Karl Ritter (1779-1859) utilizaram da razão para explicar sobre as características físicas e humanas do espaço, desta forma quebraram paradigmas até então firmados pelos mitos, crenças e superstições. Karl, diferentemente de Huboldt, sem grandes viagens de exploração ao espaço e sim foi um grande e dedicado leitor de todos os conhecimentos científicos de sua época, mantendo uma perspectiva que integrante as sociedades e os meios naturais, porém dedicou-se com grande preocupação a descrever com mais riqueza de detalhes o meio social humano. Karl Ritter teve bastante influência do idealismo de Shelling e neste buscou o alcance da totalidade do conhecer, sobre a terra, partindo das somas das partes.

Santos (2008) diz que o estudo da Geografia traz uma leitura do mundo, a noção de espaço e da forma. Pode-se inserir aí a capacidade de observação que vem a ser desenvolvida de forma crítica, possibilitando ao aluno a sua atuação eficaz como cidadão,

numa visão cosmopolita. Esta ciência é muito abrangente, mas, vê o homem como agente de mudança e causador destas mudanças, sendo estes positivos ou negativos. Considera-se que “a história não se escreve fora do espaço, e não há sociedade a-espacial.” O espaço, ele mesmo, é social, assim comenta o autor referenciado.

Com Callai (2005) percebe-se que o papel básico do ensino de Geografia é proporcionar várias ferramentas para alfabetizar o aluno espacialmente em suas diversas escalas, a fim de auxiliá-lo no entendimento das noções de espaço, paisagem, natureza, Estado, ou sociedade. Poderia ser dito que de fato se faz necessário aprender a ler e aprendendo a ler o mundo fará marcas e as deixará como legado. Haja vista que:

Desse modo, ler o mundo vai muito além da leitura cartográfica, cujas representações refletem as realidades territoriais, por vezes distorcidas por conta das projeções cartográficas adotadas. Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos). (CALLAI, 2005, 01).

Essa mesma autora relata que fazer a leitura do mundo da vida, do espaço e chegar a conclusão que as paisagens que expostas ao nosso olhar são consequências da vida social do indivíduo na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. De modo geral, esse é o papel da geografia na escola, assim explica Calli (2005) que continua seu discurso dizendo que refletir sobre as possibilidades que representa, no processo de alfabetização, o ensino de geografia, passa a ser importante para quem quer pensar, entender e propor a geografia como um componente curricular significativo. Esse componente diz a autora, está presente em toda a educação básica, mais do que a definição dos conteúdos com que trabalha, é fundamental que se tenha clareza do que se pretende com o ensino de geografia, de quais objetivos lhe cabem.

Wechsler (1993) entende que por ser visto o ensino da Geografia dentro de um formalismo que infelizmente está presente na rotina de muitas escolas e de muitos profissionais da educação em função da adoção de um ensinamento pautado na

memorização Wechsler (1993, p.18) em relação a essa prática na escola afirma: “Ela premia e reforça o raciocínio lógico e convergente”. Tal procedimento considerado convencional leva os alunos a um distanciamento de comportamentos criativos, deste fim fica a cargo de quem defende as mudanças nos métodos de ensino não aceitar essa situação como parte comum do processo natural do ensino-aprendizagem em que o aluno se põe a pensar por meio daquilo que foi e é socialmente produzido.

Nesta perspectiva, o ensinamento deve partir do cotidiano para o científico assim pensa e afirma Vygotsky (2000), o que o autor quer dizer é que o trabalho do professor deve ser o de fazer a ligação entre o conhecimento teórico para o visível, ou seja, para a paisagem, e dar sentido a este visível através das imagens, no caso em estudo, a fotografia, tornando “tangível” a ideia gerada teoricamente.

“Há uma pedagogia indiscutível na materialidade do espaço.” (FREIRE, 2001, P.98). Paulo Freire nos provoca, quando faz tal citação em seu livro *Pedagogia da autonomia*. Entendendo melhor, Duarte (2001) diz que:

[...] o processo de apropriação do conhecimento surge, antes de tudo na relação entre o homem e a natureza, e ao mesmo tempo também ocorre o processo de objetivação, ou seja, o de colocar em prática aquilo que foi aprendido tornar objetivo (ação) àquilo que era subjetivo (teoria). (DUARTE, 2001, p. 117).

Duarte (2001) entende que ao analisar o conhecimento, como sendo construído predominantemente nos dias atuais por meio de imagens e conforme o jargão popular “uma imagem fala mais que mil palavras”, o ensino da Geografia necessita de forma concreta que ensinar (o saber) e que construir conhecimento é construir significados. Neste interim percebe-se a importância de ampliar com o uso das imagens a busca de sentido e maior compreensão dos conteúdos, dentro e fora das paredes de uma sala de aula.

## 2.2 A Paisagem e Sua Percepção

Para refletir sobre a percepção da paisagem, Travassos (2001) leva a questionar sobre qual o sentido da paisagem e da percepção no ensino da Geografia. E sugere um início, observando o espaço, pois acredita que ao ler o espaço, é percebido que se desencadeia o processo de conhecimento da realidade que é vivida cotidianamente. O autor relata que neste fato constrói-se, portanto, o conceito, que é uma abstração da realidade, tal conceito se forma partindo da realidade em si, dizendo, no entanto, que parte da compreensão concreta do lugar de onde se retira elementos que geram o pensamento do mundo (ao construir a nossa história e o nosso espaço).

Desta forma, Travassos (id) mostra que nesse percurso, ao observar o lugar específico e confrontá-lo com outros lugares, inicia-se um processo de abstração que se assenta entre o real aparente, visível, perceptível e o concreto pensado na elaboração do que está sendo vivido. Assim, A fotografia se apresenta como importante recurso na realização deste processo de aprendizagem, pelo motivo de que além de tornar-se uma lembrança dos locais por onde se esteve, “[...] pode ser entendida como uma fonte infinita de dados, fatos e informações, transformando-se por isso, em um poderoso instrumento de ‘materialização’ de lugares nunca antes visitados por alguns.” (TRAVASSOS, 2001, p. 2).

Entende-se ser relevante a utilização da imagem como fonte de registro dos olhares sobre tudo que nos cerca. Tais representações trazem consigo o valor intrínseco da subjetividade e permitem o conhecimento em forma de “clic” em diferentes tempos e maneiras de perceber as transformações urbanas, políticas e sociais em tempo real motivando e enriquecendo as exposições em que transcende a sala em um mundo sem paredes.

O autor acima citado acredita que alunos e professor são conduzidos a um campo do conhecimento que trata das criações e produções humanas e valoriza os registros deixados pelo indivíduo como uma experiência sensível, aprendendo e apreendendo

descobrimo e dando significados a coisas, pessoas e fatos, permitindo um novo olhar sobre o já visto e mudando de perspectiva de acordo com a relação homem- meio, homem-natureza, e, com isso permite-se e permitindo a liberdade de perceber e interpretar as diferentes observações do mesmo ponto da ação de uma cultura sobre o espaço e paisagens em que está inserido o indivíduo.

Simmel (1996) lembra que só o indivíduo submetido à observação, é capaz de através da apreensão do olhar, enquadrar, selecionar, organizar, combinar e promover arranjos e formas com conteúdo. Para este autor que apresenta suas ideias em “A Filosofia da Paisagem”, para assim obter a consciência de que para “ver uma paisagem”, se faz necessário que um determinado conteúdo do campo de visão conquiste a atenção e possua, além dos componentes, um outro conjunto, uma nova unidade, pois a “natureza não tem pedaços, ela é a unidade de um todo”. O que quer dizer entender o que se vê como uma paisagem, estará se considerando apenas uma parte, uma unidade da natureza é o que o autor quer relatar, pois o que permite um determinado “pedaço de natureza” compor-se em uma paisagem, se faz de uma sensibilidade sobre a ordem da subjetividade e da afetividade, que o autor denomina *Stimmung*, ou seja, um estado de espírito, sentimento pessoal, tonalidade, subjetividades estas analisadas por Simmel da seguinte forma:

É a subjetividade do olhar que permite que se fale de paisagem quando o que se poderia ter ao “dissociar elementos da natureza seja na fruição da vista seja na inscrição pictórica da obra de arte, nada mais seria do que um pedaço de natureza”. Pois, o que nós dominamos com um olhar não é a paisagem, mas ao máximo a sua matéria, porém torna-se uma a partir do instante em que um certo conceito unificador a envolve. (SIMMEL, 1996, p.45).

Segundo Luchiari (2001) é concebido pela sociedade ocidental que a paisagem surgiu comumente ao período em que a ciência salienta a dicotomia entre sociedade e natureza. No entanto, se contradiz quando separa-se da natureza, a modernidade social valorizou a geração da paisagem. O sentido estético e a plenitude de sua subjetividade, converteu o gosto pela paisagem em contraveneno para o homem moderno.

## Para o geógrafo Augustin Berque

[...] a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre os dois termos. Esta relação que coloca em jogo diversas escalas de tempo e espaço, implica tanto a instituição mental da realidade quanto a constituição material das coisas. (BERQUE, 1998, p.56).

Interpreta-se, portanto, que ao longo da história, a paisagem assumiu vários significados, sendo usada com as mais variadas conotações, assim nos faz pensar o autor, continuando a dizer que dessa forma ao tratar das representações simbólicas (pintura, imagem, fotografia) buscando interpretar a (re)significação da paisagem na sociedade contemporânea, expressa sua ligação direta à dimensão cultural.

Ducan (2002) defende que é necessário objetivar a atenção na significação da paisagem, para que se possa compreender seu papel, do mesmo modo quando se busca averiguar o da intertextualidade em um discurso e conflito a respeito do significado das paisagens.

Lembrando o que pensa Berque (1998) se as intervenções humanas na natureza envolvem sua transformação em cultura, entende-se, portanto, que todas as paisagens possuem significados simbólicos enquanto produto da apropriação e transformação da natureza pelo homem.

O autor diz que dessa forma, a paisagem existe na sua relação com um sujeito coletivo: a sociedade que a produziu, que a reproduz e a transforma em função de uma certa lógica. Entende-se no entanto que procurar definir essa lógica para compreender seu sentido é o ponto de vista cultural.

Nesse sentido, tem-se que ao adotar a imagem como fonte pode-se realizar um percurso no tempo, através do uso de fotografias de diferentes períodos, em busca dos traços que revelem as dinâmicas de (trans) formação da paisagem.

Mauad (1996) alerta que só se pode ver as coisas para as quais já se conhece as imagens identificáveis, Historicamente, a fotografia compõe, juntamente com outros

tipos de texto de caráter verbal e não-verbal, a textualidade de uma determinada época, assim lembra a autora. Tal ideia implica a noção de intertextualidade para a compreensão ampla das maneiras de ser e agir de um determinado contexto histórico e cita que à medida que os textos históricos não são autônomos, necessitam de outros para sua interpretação.

Entende-se que a autora tenta mostrar que da mesma forma, utiliza-se a fotografia - para ser utilizada como fonte histórica, ultrapassando seu mero aspecto ilustrativo – e lembra que esta deve compor uma série extensa e homogênea no sentido de dar conta das semelhanças e diferenças próprias ao conjunto de imagens que se escolheu analisar.

Segundo Pesavento (2005) no processo da montagem: “[...] é preciso recolher traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra-cabeças, capaz de produzir sentido.” (PESAVENTO, 2005. p.64).

Mediante tal contexto entende-se que a autora interpreta que assim, haja uma articulação das peças na composição ou justaposição, tendo um cruzamento em todos os arranjos possíveis, de forma a expor analogias e relações de significado, mas também podem combinar por contraste a revelar oposições ou discrepâncias. “[...] nas múltiplas combinações que se estabelecem, algo será revelado, conexões serão desnudadas, explicações se oferecem para a leitura do passado.” (ABDALA JR, 2002, p.24).

Lembrando Simmel (1996) diz que para que nasça a paisagem se faz necessário, inegavelmente que a pulsação da vida, ao ser percebida no sentimento, dessa seja extraída da homogeneidade da natureza e que o especial produto, desta forma criado, ao ser transferido para uma camada excepcionalmente nova, desabroche, se assim pode-se expressar, para a vida universal escolhendo o ilimitado de seus limites sem falhas.

É necessário fazer ênfase que a representação de paisagem ao longo da história recebeu diversas alterações, o autor acima citado faz lembrar que no ocidente medieval, não se considerava, ou não existia como representação, a paisagem.

É sabido que começando do século XVI a paisagem ganha uma nova noção para o aspecto de significado representativo, surgindo através das novas técnicas de pintura expandindo, portanto, para a literatura, mesmo sem ainda ter um sentido de unidade, mas apenas como a reprodução de um sentimento da natureza, como apresenta a figura 01.



Figura 01: **Jan Van Eyck, Madona com o Chanceler Rolin, 1433.**  
Fonte: [doportoenaoso.blogspot.com](http://doportoenaoso.blogspot.com)

Simmel (1996) diz que a paisagem foi considerada sinônimo de pintura até o século XVIII, da mesma forma afirma que na intervenção com a arte, foi que o sítio adquiriu estatuto de paisagem. Entende que no momento em que as paisagens são pintadas como uma totalidade nos quadros de pintura foi um momento histórico

importante e significativo para a representação de paisagens, tratando estas não apenas como objetos de uma arte, mas da relação entre eles.

O autor lembra que nesta etapa nasce a arte da paisagem moderna. Com Patinir<sup>1</sup> e Dürer<sup>2</sup>, as paisagens apoderaram-se de toda cena e também além de ser objeto nesta oferece a relação entre os mesmos. Pode-se observar como exemplo a Figura 02, de paisagens representativas da referida época.



Figura 02: À esquerda pintura de Patinir (s/d), e à direita de Albrecht Dürer, 1495.  
Fonte: Coelho, (s/d) <http://gpitufrgs.files.wordpress.com>

Simmel (1996) lembra que ao ser criado o daguerreótipo<sup>3</sup> em 1838, a tecnologia da fotografia faz prosseguir a produção das imagens como paisagens, popularizando, portanto, as cenas de paisagens exóticas por meio dos cartões postais que a posteriori

<sup>1</sup> **Joachim Patinir**, também chamado de Patinier e de Patiner (1480 – 5 de outubro, 1524), foi um pintor flamengo do Renascimento, especializado em motivos históricos e paisagens. Era provavelmente tio de [Herri met de Bles](#), com quem ajudou a estabelecer um estilo marcante de paisagens.

<sup>2</sup> **Albrecht Dürer** (Nuremberga, 21 de maio de 1471 — Nuremberga, 6 de abril de 1528) foi um gravador, pintor, ilustrador, matemático e teórico de arte alemão e, provavelmente, o mais famoso artista do Renascimento nórdico, tendo influenciado artistas do século XVI no seu país e nos Países Baixos.

<sup>3</sup> O **daguerreotipo** (em francês: daguerréotype) foi o primeiro processo fotográfico a ser anunciado e comercializado ao grande público. Foi criado em 1839, tendo sido substituído por processos mais práticos e baratos apenas no início da década de 1860. Consiste em uma imagem fixada em uma placa de superfície espelhada, de prata, geralmente sobre outro metal mais barato, como cobre. A imagem é ao mesmo tempo positiva e negativa, dependendo do ângulo em que é observada. Tratam-se de imagens únicas, fixadas diretamente sobre a placa final, sem o uso de negativo. Daguerreótipos são extremamente frágeis, a superfície é facilmente riscada e estão sujeitos à oxidação, por isso precisam ser encapsulados e conservados com cuidado.

também a todo tipo de mídia medrada pelo final do século XX, dessa forma tornando a imagem de paisagem popular.

Diante do contexto apresentado pelo autor referenciado, entende-se que a transição da pintura para a fotografia na representação de paisagens envolve algumas mudanças conceituais, pois o surgimento da fotografia representou também uma mudança na maneira de olhar. Portanto, a fotografia surge quando o mundo vive uma fase de muitas modificações do modo de produção e consumo, produzindo um querer por inovações das imagens. A investigação para detectar o súbito, registrando temporariedade da vida moderna, assim pensa Simmel (1996).

Pesavento (2002) reflete que nessa perspectiva, o indivíduo é conduzido a um campo do conhecimento que trata das criações e produções humanas e valoriza os registros deixados pelo homem como uma experiência sensível do mundo, neste podendo se oferecer à leitura e permitindo a apreensão de seus significados.

Mas, alerta Simmel (1996) para que nasça a paisagem mas que necessário, é preciso inegavelmente que a pulsação da vida, na percepção e no sentimento, seja arrancada da homogeneidade da natureza e que o produto especial assim criado, depois de transferido para uma camada inteiramente nova, se abra ainda por assim dizer, à vida universal, entendendo que daí acolha o ilimitado nos seus limites sem falhas.

Manguel (2003) questiona: “Qualquer imagem pode ser lida? Qualquer imagem admite tradução em uma linguagem compreensível, revelando ao espectador aquilo que podemos chamar de Narrativa?” (MANGUEL, 2003).

Diante destas questões, o autor traz para o debate o fato, já citado no presente estudo, de que só se pode ver as coisas para as quais já se possui imagens conhecidas, acionando, ao entrar em contato com uma imagem, outras imagens que se tem à disposição nos arquivos de imagens da mente, formado por elementos ligados a uma

iconografia mundial, mas também por diferentes circunstâncias sociais, culturais, individuais. Exemplos de paisagens representativas desse momento.

Estes quadros apresentam paisagens panorâmicas realistas e oferecem visões bastante diferentes do “quadro-anela”, sem um ponto de fuga central. Jan Van Goyen (1596-1656), Vermeer (1632-1675) e Meindert Hobbema (1638-1709) são representantes prestigiados na pintura de paisagens, graças a suas representações realistas de cidades, rios e campanhas flamengas, conforme mostra as pinturas da Figura 03.



Figura 03: À esquerda pintura de Johannes Vermeer, 1659-60 e à direita de Jan van Goyen, 1650  
Fonte: <http://www.pinterest.com>, (s/d)

### **2.3 A Fotografia Como Recurso Didático e Leitura da Paisagem no Ensino da Geografia**

Carvalho (1998) diz que quando se trata de interpretar imagens e também fotografias, ou seja, quando diz respeito à leitura realizada a uma imagem, existirá o reconhecimento, mas especialmente do indivíduo que o faz. A autora entende assim que tal interpretação vai depender do histórico de conhecimentos e desenvolvimento da sensibilidade da pessoa, pois é o que conduz a compreender a realidade e conteúdo, sendo por consequência das teorias vistas e estudadas em sala de aula. A mesma autora

entende ser importante pensar dialogar sobre o fato da espacialização dos conteúdos por meio do emprego da imagem e fotografia, tendo estes como recursos didáticos no sistema de ensino-aprendizagem, haja visto que o mesmo não fazem uso de textos verbais, embora sejam veículos de comunicação, nisso considerando-se a imagem como leitura visual que informa, fazendo dessa forma, uma diferença para o método meramente didático de leitura de livros em sala de aula. Carvalho (id) ainda afirma que a participação do alunos no desenvolvimento do conhecimento coletivo no momento da formação intelectual é fundamental.

Libâneo (1998) afirma que as mudanças tecnológicas terão um impacto cada vez maior na educação escolar e na vida cotidiana. O autor faz compreender que os professores não podem mais ignorar a televisão, o vídeo, o cinema, o computador, o telefone, o fax e outras mídias que são veículos de informação, de comunicação, de

ensino e entretenimento, considerando a modernidade de que não apenas o professor e o livro didático são a muito tempo a única fonte de informações para obtenção do conhecimento. Ou seja, professor, alunos, pais, todos precisa-se aprender a ler sons, imagens, movimentos e a lidar material que vem sendo muito utilizado nas aulas de Geografia, são as imagens e fotografias, afinal são ferramentas educacionais eficazes e criativas que conscientizam de forma lúdica tanto os professores quanto os alunos, lembrando ainda que tais instrumentos estimulam o aprendizado do indivíduo fazendo com que o mesmo assimile o conteúdo e se habilite na realidade socioespacial estudada. Libâneo (id) afirma que tais tecnologias indicam de que maneira se pode olhar a paisagem e nos faz levar o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula a fim de compreender melhor a sua realidade.

"[...] a possibilidade de ir a todos os lugares sem se quer ter conhecido-os" (OLIVEIRA Jr. 1999).

Machado, (1999) apresenta que esse sistema visto como método didático orienta o sujeito "o indivíduo na expressão de suas potencialidades, conjugando uma série de

atividades para desenvolver no educando sua capacidade crítica" (MACHADO,1999, p.40), a autora tenta mostrar que esse método vem com a finalidade de tornar a escola e a aprendizagem de Geografia em algo prazeroso que eduque para a vida em sociedade e contribua para a formação de seres pensantes capazes de argumentar e não apenas reproduzir um conhecimento que lhe foi imposto.

"[...] selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significados [...]" (MACHADO, 1998, p.40). Entendendo-se, portanto, que todas as ações, condutas e manifestações serão os resultados expressos das percepções, dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada aluno, no intuito de fazer do processo ensino aprendizagem um sucesso, assim pensa a autora.

Falta a percepção de que "[...] ensinar Geografia significa dar conta do processo que levou a atual organização do espaço" (ALMEIDA, 1991 p. 85) o pensamento ora citado mostra que esse espaço não é apenas aquele percebido em seu sentido amplo, mas que também é o espaço da cidade, do bairro, da rua, da casa e da escola que pode ser apropriado e exemplificado nos conteúdos trabalhados.

Almeida (1991) apresenta que fazer o aluno se aproximar do empírico e a inserção da realidade no ambiente escolar através de fotografias proporciona a esses alunos uma visão extensionista e crítica da realidade devido a uma melhor compreensão dos conteúdos disseminados nas aulas. Entendendo-se que é válido frisar, também, que tal fato acontece, porque a maioria desses alunos encontra dificuldades em conhecer e se deslocar para outros lugares, ocasionando um reducionismo tanto do pensamento quanto no entendimento e conhecimento de mundo.

"[...] o ato de conhecer é tão vital como comer ou dormir e eu não posso comer ou dormir por ninguém [...]" (FREIRE, 1983, p.15) essa autora tenta mostrar que desde cedo é importante os alunos aprenderem a ler o mundo, a entender a complexidade da realidade. Entendendo que o contato direto com o sujeito de estudo, através da observação, da coleta de material, a ser analisado e da procura. Toda paisagem

apresenta característica própria, tem forma e marca que resultam da interação da sociedade com a natureza.

Considerando que cada um percebe o mundo a sua maneira, TUAN (1980) entende que a “percepção” se faz como resposta aos sentidos humanos dos estímulos externos recebidos, em atividade intencional onde determinados acontecimentos são registrados de forma clara, enquanto existem outros que retornam ao indício quando não, são impedidos.

Saramago (1995) em seu livro “Ensaio sobre a Cegueira” sugere a imprescindibilidade contínua de “descortinar” o olhar, pois acredita que muitas das pessoas são no mundo, cegos vivos. Ressalta, portanto, a necessidade de se reaver a clarividência, entendendo ainda, que existe a diversidade ao interpretar o espaço geográfico utilizando a paisagem.

Oliveira Jr (1999) diz que a Geografia, auxiliada pela arte de fotografar pode indicar de que maneira pode-se olhar a paisagem e levar o aluno a desbravar o mundo além da sala de aula. O autor acredita ser a fotografia uma forte e ilimitada fonte de dados e veículo de informações, sendo considerado pelo mesmo, um instrumento valioso para a “materialização” de lugares inéditos.

O mesmo autor ressalta que se sabe explorar corretamente esse recurso, se tem nas mãos um poderoso instrumento que, "na impossibilidade de ir a todos lugares" até mesmo dentro da própria cidade onde se mora, pode-se eternizá-los com apenas um clique, captando aquele instante; aquela realidade.

Machado (1998) destaca que nessa atividade vários aspectos se sobressaem, dentre eles, um processo de percepção onde a cena é definida em função do um ponto de vista de onde é observada, ou seja, do ponto de vista do fotógrafo e outro, que diz respeito a um aspecto cognitivo, a autora mostra que sendo esse um processo mental pelo qual os indivíduos (o aluno) a partir de seus interesses e necessidades, estruturam e organizam sua interface com o real e o mundo, "selecionando as informações percebidas, armazenando-as e conferindo-lhes significados." (MACHADO,1998, p.30).

Nessa perspectiva, a Geografia deve forçar a prática da inserção do "estudo do meio" como trabalho integrador de diversas disciplinas, superando o isolamento e a atomização de cada campo científico, sem no entanto, perder a especificidade de cada um deles, podendo aproveitar as experiências e vivências diferenciadas de cada comunidade. (SILVA & COSTA, 1999, p. 143).

Os autores acima citados tentam nos mostrar que tais táticas objetivam os estudos fazendo com que o professor possa desenvolver no aluno habilidades críticas que visem à elaboração de conceitos e valores que o estimule a modificar suas atitudes em relação ao meio, na busca por uma sociedade sustentável ciente de seus direitos e deveres. Desde que os limites da escola possam ser extrapolados e que os alunos se tornem atores bio-psico-sociais capazes de adquirirem uma postura crítica em relação aos fatores naturais, científicos e sociais.

## 2.4 A Fotografia na Leitura de Espaço Geográfico no Tempo

“A força da fotografia residiu bem na sua capacidade reprodutiva e espelhante” (HUCHET, 2004, p.15).

Maldonado (2009) considera que o surgimento da fotografia delimitou uma nova era nas práticas artísticas e, a autora vê de modo especial a pintura, entendendo que sua funcionalidade vem evoluindo e atendendo as necessidades de expressão dos profissionais e artistas. Segundo essa mesma autora inicialmente, a fotografia foi pensada para desempenhar uma função específica de registrar visualmente, em tempo real, o que se vê, e comenta que a fotografia foi aos poucos incorporando as intenções do operador do aparelho e ultrapassando limites não pensados, mantendo suas características essenciais a sua existência.

Maldonado (2009) diz que a fotografia revela a realidade visual e conceitual do fotógrafo, ou seja, a autora quer mostrar que a câmera é um aparelho conduzido e, propositalmente, fixado num ponto-chave que dê visibilidade há um conceito previamente pensado e consolidado numa imagem ou, pode ocorrer, também, a captura da imagem e, depois, a sua análise e enquadramento dentro de um conceito. Independente da ordem, a fotografia é a representação imagética de um pensamento concretizada num produto. Entende-se, portanto, que o processo de captura da imagem é o diferencial no produto final. Tais ações consolidam o processo de fotografar como uma tentativa de capturar o real inatingível se for considerada árdua a tarefa de relacionar o individual com o coletivo, mediante os comentários da autora.

Se a realidade vai além do que vemos, a fotografia é incapaz de registrá-la, porém nos dá a sensação do real quando observamos as semelhanças com aquilo que concebemos como tal. Essa capacidade é explorada pelos artistas que, utilizando recursos tecnológicos, produzem obras mesclando o real e o imaginário. Assim, a fotografia desempenha uma função importante dentro do processo de construção do conceito de arte contemporânea. (MALDONADO, 2009, p. 1).

A autora comenta que a fotografia é realidade trabalhada por um conjunto de processos simbólicos, lembrando que de acordo com tal forma de pensar sobre a arte de fotografar, entende-se que uma imagem é a consolidação de ações previamente pensadas desde a escolha do aparelho até ao repertório do fotógrafo. O resultado desta ação permitirá diversas possibilidades de leituras, além de suscitar novas experimentações.

Maldonado (2009) comenta ainda que quando a realidade é aprisionada numa imagem torna-se um símbolo do que está contido na sociedade que, por sua natureza fluida e dinâmica, não permitirá fazer uma análise do processo de transformação dos elementos que compõe a realidade que nos cerca, ou seja, transforma-se em fato intestável.

### **3 CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA E GEOGRÁFICA**

Santana, Lebrão e Nogueira (s/d) apresentam reflexões sobre o universo de compreensão sobre o ensino da Geografia que reúne ideias de diversos autores dedicados à pesquisas intensivas, neste sentido o presente estudo compila a compactação dos mesmos considerando suas conclusões tratando das particularidades características de modo concreto, ou seja, que melhor se aproxime da realidade. Com base nesses estudos, foi possível apresentar ideias e argumentos que embasam o presente tópico da pesquisa ora apresentada.

Santana, Lebrão e Nogueira (s/d) dizem que as aulas de Geografia vêm se tornando cada vez mais monótonas e sem dinamismo, os autores tentam mostrar que a necessidade de revisão ao método é evidente. E mostram que no processo de ensino-aprendizagem há a existência e o predomínio de um paradigma adotado pela maioria dos professores, que se limitam, basicamente, a antiquadas práticas de ensino e se rendem

ao tradicionalismo impregnado na estrutura da ciência geográfica, refletindo, sobretudo, no ensino da Geografia.

A explanação dos conteúdos geográficos têm se restringido à utilização de poucos materiais didáticos. Isso se deve, principalmente, às amarras pelas aulas expositivas, que se faz presente em pleno século XXI, com o auxílio de textos didáticos que impõe aos alunos uma aprendizagem que se corresponda apenas ao que lhe é apresentado, não permitindo que estes pensem, avaliem, exponham suas ideias e seus conhecimentos acerca do assunto trabalhados. (SANTANA, LEBRÃO e NOGUEIRA, S/D).

Os autores mostram que não há uma participação ativa dos alunos na produção do conhecimento e seguem dizendo que as correntes do pensamento tradicional na qual a Geografia esteve/está inserida, leva a comprovação e o posicionamento dessa disciplina no *rol* das matérias decorativas. Os autores percebem que, de fato, há um modelo tradicional de ensino que tem sido questionado desde a sua institucionalização como disciplina escolar, alcançando o ápice das críticas no final da década de 1970 com o movimento de renovação da Geografia.

Santana, Lebrão e Nogueira (s/d) entendem que esse paradigma tenta ser superado pelas novas abordagens da chamada Geografia Crítica, que apresenta para o processo ensino-aprendizagem propostas divergentes de superação do modelo tradicional.

Os autores refletem que apesar das discussões da renovação prática pedagógica da Geografia, e de apresentar perceptíveis inovações, muitas dessas mudanças não deram conta da crise da modernidade e continuam a trabalhar inserindo uma barreira no conhecimento do aluno, entende-se que tal fato faz com que o mesmo desconheça sua realidade e as suas possibilidades de produzir o conhecimento.

É preciso saber que, o ensino é um processo de intermediação entre o conhecimento do aluno com o conhecimento do professor, sendo que, para tal processo, está envolvido um conjunto que integra os objetivos, os métodos e as formas de procedimentos do ensino da Geografia. Esse último desencadeia técnicas e atividades para a concepção socioconstrutivista do ensino não pondo fim as formas mais convencionais e estimulando as potencialidades do aluno. (SANTANA, LEBRÃO e NOGUEIRA, S/D).

### 3.1 História

Moço (s/d) faz uma compactação dos PCNs de 1998 quanto a trajetória do ensino de Geografia nos Ensinos Fundamentais do Brasil, onde mostra passo a passo o perfil gerado pelo mesmo. E começa mostrando que o homem do século 21 revê o seu relacionamento com o meio ambiente e estuda as consequências de sua interação desmedida com a natureza. Moço (id) diz que as fronteiras políticas se alteram por acordos ou guerras. A globalização aproxima, ao mesmo tempo que coloca em conflito diferentes povos. Com tudo isso, a maneira de ensinar a ciência que estuda a Terra e suas transformações também se modifica. Tem-se ainda que a Geografia tenha passado por amplas tentativas de renovação para conseguir formar estudantes capazes de compreender as relações entre a sociedade e a natureza.

O autor reflete que nessas idas e vindas, foram criados caminhos e, às vezes, também equívocos. Hoje existem três perspectivas de ensino que, segundo os especialistas, devem ser trabalhadas de forma complementar para que o espaço - principal objeto de estudo da disciplina - seja bem compreendido: a perspectiva tradicional, a crítica e a cultural.

Moço (s/d) lembra que quando o foco da Geografia estava nas descrições físicas dos lugares, os estudos se concentravam em identificar os componentes da paisagem (tipos de vegetação, relevo e clima), o número de habitantes e o nome de cidades e rios importantes que banham a região. E comenta que essa abordagem, chamada de tradicional, era "a ciência dos lugares e não dos homens", na definição do francês Vidal de La Blache (1845-1918). "Acreditava-se que, se os alunos conhecessem as características físicas do território, desenvolveriam uma consciência de nação", conta Francisco Capoano Scarlato, do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo.

Moço (id) conta que nos anos 60, geógrafos, mais especificamente os franceses, começaram a afirmar defensivamente que a posição dos estudos deveria ter senso crítico mediante a ordem constituída, ou seja ter o geógrafo como um agente da reforma social.

O autor ressalta que assim, a disciplina se aproximou das ciências políticas. "Era a corrente crítica se opondo à tradicional. As principais características dessa concepção eram estudar o homem interagindo sobre o meio e conceber as relações sociais e de trabalho como decisivas na transformação do território", explica Marcos Bernardino de Carvalho, coordenador da pós-graduação em Geografia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, conta Moço (s/d) e diz que nela, cabe ao professor mostrar os problemas sociais e, ao mesmo tempo, despertar nos alunos a consciência sobre seu papel como cidadãos ativos na resolução dos problemas locais e gerais.

O mesmo autor continua relatando que muitos educadores acharam que a análise da relação do homem com seu meio aprofundaria o conhecimento sobre os territórios. A capacidade dos alunos de compreender o mundo e dar significado ao que se aprende na disciplina, aproximando o conhecimento escolar das próprias vidas, também seria facilitada, e reflete que afinal, no mundo globalizado são a cultura e as manifestações locais que garantem a noção de pertencimento a um lugar.

### **3.2 Geografia**

Nabozny (2011) gera como tema de discussão que a concepção de cultura e o privilégio do olhar do geógrafo estaria como destaque no universo dos estudos e ensino da Geografia, e diz que ao se estarem os profissionais a fins, permeados de exemplos que sacramentam uma leitura linear da abordagem da paisagem enquanto um elemento chave para se entender os processos pelos quais os geógrafos se debruçaram em torno da dimensão espacial da cultura.

O autor percorre pelo entendimento de que a mais clássica, dessa dimensão citada num episódio comum em localizar a contenda do geógrafo Carl Sauer<sup>4</sup>. Ficando com Sauer a interpelação de que a paisagem quando aprisionada no aspecto de matéria, faz a descrição direta da fenomenologia geográfica.

Lembra Nabozny (2011) lembra que nesse debate se vê emergir, uma dualidade entre material e imaterial, em que Sahr (2007) apud Nabozny (2011) disserta como essa análise perpassa vários debates no âmbito da ciência geográfica. Desde uma dualidade entre natureza e cultura às relações de homem e meio, numa Geografia lablacheana, assim comenta Nabozny (id).

O autor ainda percorre por mais outros autores como: (Ratzel s/d – Claval 2007 – Otto Schlüter e Eduard Hanh s/d – Ducan 2002 – e Alfred Kroeber e Robert Lowie s/d) dentre outros, para explanar como exemplificação proposital de cruzamento de teorias dedicadas a abordagem cultural na Geografia, observando, portanto uma forte ligação entre os mesmos que fundamentaram, de certa forma essa observação na área estuda.

A problemática, não está exatamente no conceito privilegiado de uma materialidade, mas na concepção de cultura que sustenta a Geografia Saureana, a qual o autor afirma que, de modo supraorgânico, conformaria uma entidade acima dos homens e determinando seu comportamento. Nesse caso, a cultura aparece mais na humanização do natural, em que o geógrafo observa as técnicas na instituição dos modos de vida. A metodologia se institui por meio de comparações entre as paisagens distintas, no entrecruzamento de formas naturais e formas humanizadas que produziria a paisagem enquanto um resultado da conexão: a paisagem cultural. (NABOZNY, 2011, p.32).

Nabozny (2011) entende que tal cultura, nesse caso, estaria inserida numa abordagem mais de objetos, em que derivam as interpretações e que evidencia uma preponderância material somada à detalhe significativo, considerado de que a cultura nesse aspecto também teria um atributo de objeto, no qual deriva a consideração dos geógrafos de ler as expressões morfológicas das paisagens, discute o autor com base nos estudiosos por ele citados.

---

<sup>4</sup> Carl Ortwin Sauer - geógrafo norte-americano (1889-1975), representante da geografia cultural clássica.

Este mesmo autor continua seu pensar analisando que por um lado, as observações das técnicas, dos ritmos e das atividades nas instituições dos gêneros de vida. Por outro viés, as descrições das marcas humanas na instituição das paisagens culturais, ou seja, Nabozny (id) deduz que ambos os lados buscavam analisar modos de existência dos grupos humanos. O enfoque, portanto, está mais nas condições instituintes dos mesmos do que nos próprios agentes sociais.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo ora apresentado, teve como resultado um significado considerado positivo, no sentido de incentivar e comprovar o valor diferencial que a utilização do recurso fotográfico faz no ensino da Geografia, entendendo que “Geografia” é essencialmente VISIBILIDADE DO ESPAÇO TERRENO DE UMA SOCIEDADE.

Vale apresentar neste também, que a experiência desenvolvida pelo autor do presente trabalho, resultou em considerável desenvolvimento do aprendizado do alunado, de modo geral, tendo em comparação quadro de resultados anteriores, com a mesma turma e com as experiências passadas, em turmas anteriores. Tendo ainda como proposta para os alunos que suas produções poderão ser editadas e publicadas, estes se veem valorizados e o entusiasmo aumenta, dando motivação para sua dedicação e atenção maior voltadas ao assunto da disciplina. Por consequência torna a aula mais participativa e como não se pode evitar, prazerosa.

Vendo que o grande ganho se distribui entre, aluno, professor e disciplina, é de simples compreensão que, quando todos estão envolvidos, todos ganham e essa é a mais poderosa vitória que o homem pode ter, quando todos os âmbitos da questão estão a serem premiados com a ação do indivíduo.

Lembrando que o homem em sua essência não é apenas matéria e sim também espiritualidade, esta por sua vez é a responsável pelo “dar sentido a vida” onde um simples método de ensino pode fazer uma grande diferença na formação do cidadão e esse por sua vez ser capaz de “transformar o mundo”.

## RESUMEN

Este estudio es una breve recopilación de datos sobre la Enseñanza de la Geografía y de sus recursos para la enseñanza, no sigue exactamente una linealidad discursiva. Se caracteriza por una exposición de los hechos y las historias que hacen que una verdadera situación actual de los requisitos metodológicos para la enseñanza aprendizaje citada disciplina. Con el objeto sugerido la foto con un breve análisis de sus componentes y la capacidad de evaluación en la acción de la enseñanza y el involucrar al estudiante. Por lo tanto, hay cambios en las concepciones de la cultura como elementos que promueven este movimiento. Se ocupa de la capacidad humana para llevar a cabo numerosas actividades y acciones que tienen varios pedagógica, haciendo hincapié en la importancia de la geografía ser ayudados por el arte de fotografiar, creyendo indicar diversas formas en que pueden desarrollar el aspecto y conducir al estudiante a la compensación del mundo externo al aula. El método de la fotografía presenta a los estudiantes una experiencia más cerca de la realidad de los hechos históricos y teorías expuestas. Se entiende que en esta actividad se tratan de aparecer un proceso de percepción donde la escena se define en términos de un punto de vista donde se observa y otro, que se refiere a un aspectos cognitivos, varios aspectos en los que las personas de su intereses y necesidades, la estructura y organización de su interfaz con el real y el mundo, intensificando y ampliando toda posibilidad de placer en el aprendizaje y aprovechar los datos importantes para los miembros de la vida en el estudio de la geografía. Su objetivo es poner de relieve el valor de la utilización fotográfica como recurso en la enseñanza de la disciplina de la geografía. Utilizan como metodología de la investigación bibliográfica y el análisis de la experiencia vivida por el autor.

Palabras clave: Educación Geografía; Recursos didácticos; Fotografía.

## 5 REFERÊNCIAS

ABDALA JR, Benjamim. **Fronteiras múltiplas, identidades plurais**. São Paulo: SENAC, 2002.

ALMEIDA, R. D. de. **Propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia**. Terra Livre. São Paulo: AGB, n. 8, p. 83-90, abril 1991.

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (orgs). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

CALLAI, Helena Copetti. **Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental**. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622005000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622005000200006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 02 de junho de 2014.

CARVALHO, Maria Inez da Silva de Souza. **Fim de século: A escola e a Geografia**. Ijuí/ São Paulo: Ed. UNIJUI, 1998.

DUARTE, N. **Vigotski e o “Aprender a aprender”**. Crítica as aproximações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. 2 ed. Campinas: autores associados, 2001.

DUNCAN, James Stuart. **O Supraorgânico na Geografia Cultural Americana**. Revista Espaço e Cultura, Rio de Janeiro (UERJ), n 13, p 7-33, jan/jun de 2002.

FREIRE, Madalena. **A Paixão de conhecer o mundo: Relato de uma professora**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1983.

FREIRE, P.. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 18. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2001.

HUCHET, Stéphane Denis Albert René Philippe. **Tal qual, a fotografia**. In: Dos Santos, Maria Ivone; Santos, Alexandre. (Org.). A fotografia nos processos artísticos contemporâneos. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre e Ed. da UFRGS, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educativas e profissão docente**. – 6. ed. - São Paulo: Cortez, 2002.

LUCHIARI, Maria Tereza Duarte Paes. **A (re)significação da paisagem no período contemporâneo**. In: CORRÊA, Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny (orgs). Paisagem, imaginário e espaço. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

MACHADO, Lucy Marion C. P. **A Serra do Mar Paulista: um estudo da paisagem valorizada**. Instituto de Geociências e Ciências Exatas da UNESP, Rio Claro, 1988. (Tese de Doutorado).

\_\_\_\_\_. **Cognição ambiental, processo educativo e sociedades sustentáveis**. In: 5º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA. Anais do 5º ENPEG. Belo Horizonte, 1999, p. 66-74.

MALDONADO, Claudia. **A fotografia e a realidade**. Disponível em: <<http://acritica.daarte.blogspot.com.br/2009/10/fotografia-e-realidade.html>>. Acesso em: 10 de junho de 2014.

MANGUEL, Alberto. **Leer imágenes**. Madrid: Alianza editorial, 2003.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história, interfaces**. Tempo, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

MOÇO, Anderson. (s/d) **O que ensinar em Geografia**. Parâmetros Curriculares Nacionais (Pcns), O Ensino de Geografia No Século XXI, de José Willian Vesentini, e Roberto Lobato Corrêa. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/geografia/fundamentos/mundo-dentro-fora-escola-426476.shtml?page=4>>. Acesso em: 02 de junho de 2014.

NABOZNY, Almir. **Da paisagem como olhar do geógrafo à paisagem como olhar os olhares dos outros**. Geografia Ensino & Pesquisa, v. 15, n.1, jan./abr. 2011.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Para onde vai o ensino da geografia?** org. 6.ed.- São Paulo: Contexto, 1998.

OLIVEIRA Jr, Wenceslão Machado de. **Turismo e Fotografia: continuidades existentes na construção da imagem de uma cidade**. In: 5º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA. Anais do 5º ENPEG. Belo Horizonte, 1999, p. 223-227.

PENA, Rodolfo Alves. (s/d). **Humboldt e Ritter, os pais da geografia**. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/geografia/humboldt-ritter-os-pais-geografia.htm>>. Acesso em: 02 de junho de 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. **História & História Cultural**. 2. ed, Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SANTANA, Aurelane Alves; LEBRÃO, Jemeffer Souza; NOGUEIRA, Tárliison Renê. (s/d) **A utilização das imagens e fotografias como recursos didáticos para a espacialização dos conteúdos.** Disponível em: <[www.uesb.br/eventos/ixsegeo/arquivos/A%20utilização%20das%20imagens%20e%20fotografias%20como%20recursos%20didáticos%20para%20a%20espacialização%20dos%20conteúdos.pdf](http://www.uesb.br/eventos/ixsegeo/arquivos/A%20utilização%20das%20imagens%20e%20fotografias%20como%20recursos%20didáticos%20para%20a%20espacialização%20dos%20conteúdos.pdf)>. Acesso em: 02 de junho de 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 15a ed, Rio de Janeiro, Record, 2008.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira.** 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras: 1995.

SILVA, Lincoln Tavares; COSTA, Alexander Josef S.T. da. **Uma proposta geográfica de educação ambiental interdisciplinar.** In: 5º ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA. Anais do 5º ENPEG. Belo Horizonte, 1999, p. 142-145.

SIMMEL, Georg. **A Filosofia da paisagem. Política e trabalho,** n.12, setembro, 1996, p.05-09. (Tradução: Simone Carneiro Maldonado).

TRAVASSOS, Luiz Eduardo Panisset. **A fotografia como ferramenta de auxílio no ensino da Geografia.** In: Revista de Biologia e Ciências da Terra. 2001.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** São Paulo: Difel, 1980.

WECHSLER, S. M.. **Criatividade: descobrindo e encorajando.** Campinas/SP: Editorial Psy, 1993.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem.** 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.